

RELAÇÕES DE GÊNERO EM COMUNIDADES TRADICIONAIS DO SERTÃO DA BAHIA

Mahatma Lenin Avelino de Almeida¹; Fábila Pereira Lins²; Carlos Alberto Batista Santos³

¹Mestrando em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, campus III, mahatmalenny@hotmail.com. ²Mestranda em Estratégias y Tecnologías para el Desarrollo: La Cooperación en un Mundo en Cambio, Universidad Complutense, Madrid, shamaa@matura.eco.br. ³Dr. em Etnobiologia e Conservação da Natureza, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, campus III, cacobatista@yahoo.com.br

Resumo

Esse artigo apresenta reflexões sobre as representações de gênero presentes no Sertão do nordeste brasileiro, a partir de estudos com caçadores tradicionais. Historicamente as representações de gênero no sertão foram construídas a partir de estereótipos que associam o masculino à virilidade, força, violência e do provedor do lar, e o feminino à submissão, serenidade e às atividades domésticas, embora também haja uma identificação da sertaneja como uma mulher forte. Considerando essas representações pretendemos trazer a contribuição dos estudos etnobiológicos com enfoque no uso dos recursos naturais, especificamente as atividades cinegéticas, ilustrando com os arquétipos dos mitos femininos da caça, presentes em diversas sociedades e expressões culturais, identificando assim, outras possibilidades de leitura de gênero no sertão a partir de das atividades de caça e coleta.

Palavras-chave: Cultura sertaneja, Caçadores tradicionais, Atividade cinegética, Semiárido brasileiro.

1 INTRODUÇÃO

O pensador francês, Michel Foucault (1984), situa a sexualidade como um instrumento de poder, nas sociedades ocidentais, elaborando um campo de conhecimento, que pretende se constituir em um regime de verdade absoluta utilizando-se de um aparato discursivo. (LIMA JÚNIOR, 2010). Diferenças de gênero implicam desigualdade. Relações de gênero (polares, assimétricas, hierárquicas) são relações de poder (ABERCROMBIE; HILL; TURNER, 1994).

O conceito de gênero, é extremamente discutido na atualidade, neste estudo, assumimos que gênero é a construção cultural da masculinidade e feminilidade, e que sofre diversas variações culturais. Como construção cultural, gênero é uma estrutura de dominação simbólica, assim como classe e raça. Estudiosos apontam que as distinções de gênero estruturam todos os aspectos da vida social e fazem parte de um complexo sistema de dominação masculina, institucionalizado e internalizado. Essas relações afetam a construção dos sujeitos e de suas identidades, além das relações e práticas sociais, cultura, objetos, lugares, representações e valores, impondo o gênero

masculino como parâmetro de perfeição (ABERCROMBIE; HILL; TURNER, 1994; BOURDIEU, 1999).

Segundo Birman (2002), até o século XVIII, o sexo masculino era considerado como dominante, regulador e perfeito. Com a Revolução Francesa, imbuída de ideais de igualdade para todos, surgiu um masculino superior atestado pela “razão” biológica, tratado como uma referência, como um modelo de perfeição. Nessa visão, homens e mulheres são diferenciados, identificados como complementares anatômico e fisiologicamente, alocados em espaços e papéis sociais distintos, padronizados segundo suas maneiras de relacionarem entre si.

Nas sociedades tradicionais, também se fazem presentes as relações de poder impostas pelo gênero, e os referenciais culturais de cada grupo, fundamentais para a manutenção das expressões culturais, possibilitam aos sujeitos identificarem-se e expressarem o seu comportamento (CHAGAS, 2010).

As relações de poder também estão associadas a mitos e arquétipos que povoam o consciente coletivo, dessa forma, este artigo foca em estudos etnobiológicos e no uso dos recursos naturais, especificamente as atividades cinegéticas, verificando se as relações de gênero no sertão a partir de das atividades de caça e coleta, seguem ou não os modelos pré-estabelecidos.

2 A QUESTÃO DO GÊNERO NAS COMUNIDADES SERTANEJAS

Historicamente as representações de gênero ligadas ao sertão foram perpassadas por estereótipos que associam o masculino à virilidade, força e violência, representado na figura do “cabra macho” e o feminino à submissão e seriedade, embora também haja uma associação da sertaneja com a “mulher macho”, que é vista como forte (VASCONCELOS, 2009).

O sertanejo é de certa forma o nordestino ideal, pois tem que se construir como um homem forte, rude, visto que as próprias condições físicas e materiais lhe impõem isso (FREYRE, 1995).

De acordo com Albuquerque Júnior (2003), a construção da masculinidade no Nordeste estaria relacionada à invenção de um sujeito regional, o nordestino. Este sujeito enquanto afirmação do masculino teria surgido nas primeiras décadas do século XX, quando se construiu uma ideia sobre, ou se inventou o Nordeste (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2000).

Considerando que as construções acerca do masculino e do feminino são culturais e variam de acordo com o tempo e o espaço, podemos compreender múltiplas representações de gênero, seja no Nordeste ou em qualquer outro espaço sociocultural. Quando nos referimos ao sertão do

Nordeste ao mesmo tempo em que podemos nos reportar às imagens cristalizadas que o associa à seca, fome e calor, podemos desconstruir essas representações a partir das práticas dos sujeitos que de certa forma subvertem essas imagens (VASCONCELOS, 2009).

3 A CAÇA E O ARQUÉTIPO DO HERÓI

No Brasil, a relação de gênero e usos da fauna é muito antiga e representa um também um elemento cultural para as diversas tribos indígenas (ALVES et al., 2012). Os caçadores indígenas estabelecem com os animais caçados não só uma relação de subsistência, há nessa relação diversos significados, valores e interesses, considerando os animais mais do que simples recursos ofertados pela natureza (SANTOS, 2016).

Já para exploradores e colonizadores provenientes da Europa a partir do século XVI, era motivo de orgulho e demonstração de heroísmo, homens retornarem aos seus países de origem com animais desconhecidos, comprovando assim o encontro de novos continentes (SICK, 1997).

Sendo assim, não demorou muito para que esse animal desconhecido do novo continente, explorado sob forma de animais vivos ou de seus subprodutos se tornasse uma atividade efetivamente lucrativa na Europa (DIAS JÚNIOR et al., 2014; FIGUEIRA, 2007), transformando a posse do animal ou seu subproduto, tanto para os homens, como para as mulheres em uma forma de demonstrar poder econômico e domínio social, o que refletiu na formação cultural do Brasil nos séculos seguintes.

Outro ponto sensível que moldou esse arquétipo criado em torno do homem caçador foi a mídia brasileira, que desde os primórdios da difusão de jornais e revistas de grande circulação pelo país, até o final da década de 60 foi uma grande influenciadora de cultura de em torno da caça e do personagem social atribuído ao caçador (FERREIRA et al. 2014). Também, até o final da década de 70, era comum a comercialização de livros que retratavam a temática da caça dedicados ao público infanto-juvenil (FERREIRA et al. 2014), como *Caçadas de Pedrinho* (LOBATO, 1962), e ao público adulto, como *Manual do Caçador* (CARVALHO, 1924), *Caças e Caçadas* (SANTOS, 1950) e a série *Caçando e Pescando por Todo o Brasil*, coletânea de livros sobre expedições cinegéticas em todo o país realizadas por Francisco de Barros Júnior e que constitui a referência de maior divulgação sobre o assunto até hoje no Brasil (FERREIRA et al. 2014; PACHALY et al. 2005).

Para Ferreira (2014), em todas essas publicações, há uma criação em torno da imagem do caçador, sendo exaltada e comparada a de um herói, um desbravador de matas que encara perigos constantes, para alcançar esse status, diversos outros fatores eram ressaltados, tais como pontaria, tamanho do animal caçado, tempo de cada expedição, dificuldade de encontrar e abater cada espécie e técnicas utilizadas (FERREIRA et al. 2014), o que mostra a pressão exercida sobre os gênero e sobre as escolhas tomadas no decorrer de sua existência.

4 CAÇA E MITOLOGIA NO UNIVERSO FEMININO

A mitologia é considerado por vários estudiosos como um dos discursos de legitimação mais antigos, cuja fonte deriva de crenças, rituais e divindades gregos, egípcios e africanos focando nas ações envolvidas nas matas, expressas sobretudo na arte caça (VERNANT, 2006).

De acordo com Jung (2000), os mitos são a expressão do inconsciente coletivo, que se manifesta através de arquétipos, ou imagens que passam de uma geração para outra.

Todas essas definições dos estudos clássicos e contemporâneos sobre o mito, fornecidas por historiadores especializados e também por cientistas sociais, compartilham alguns pontos chaves relacionados à articulação do mito com a história, fazendo uma história tradicional ser aceita como história, e conseqüentemente com a memória cultural, social e coletiva (ROSA, 2006)

Apresentaremos aqui, o perfil da deusa Artémis, da Orixá Otim, duas deidades femininas, que oferecem sentido à realidade da caça em culturas diferentes, para lançar uma ponte que nos dará a oportunidade de refletir o processo da recriação do mito carregadas no inconsciente e na crença popular dos caçadores tradicionais do semiárido baiano.

4.1 Ártemis ou Diana, a deusa da caça e da lua, competidora e irmã

Ártemis, a versão feminina de Apolo, é a deusa da caça e da vida selvagem, usava o arco tão bem quanto seu irmão gêmeo Apolo e era capaz de provocar, com suas flechas, a morte súbita nas mulheres. Eternamente virgem, seu único prazer era a caça, vivendo sozinha nos bosques com as ninfas e os animais selvagens (MARQUETTI, 2005).

Como arquétipo de deusa virgem, Ártemis representa um sentido de integridade, umas em si mesma, uma atitude de quem sabe cuidar de si mesma, o que permite à mulher agir por conta própria, com autoconfiança e espírito independente, ela sente-se completa sem o homem, saindo ao enalço de interesses e trabalho que são significativos para ela, sem precisar da aprovação

masculina (MARQUETTI, 2005), dessa forma também encontramos as mulheres no sertão, quando chefes de família, ou quando as famílias só possuem filhas mulheres.

4.2 Orixá Otim

Otim é o Orixá da caça, das presas, da floresta, aparentemente também tem domínio sobre as águas. Filha de Oxóssi, acompanha o pai pelas matas, caçando. Defende tanto o caçador, quanto a caça, já que é um fim nobre a morte de um ser para servir de alimento para outro, além de conviverem no mesmo espaço, a floresta. Otim nunca aprova a matança pura e simples, para ela a morte dos animais deve garantir a comida para os humanos ou os rituais para os deuses, sendo símbolo de resistência à caça predatória (BRUNEI, 2000).

No semiárido brasileiro, entre diversos povos tradicionais, registra-se a presença de “encantos de luz” protetora dos animais, a exemplo da sociedade Truká, que possui no encanto denominado Mãe da Mata, o espírito protetor dos animais, que controla a caça e que pune o caçador que transgrida as regras de respeito à natureza (SANTOS, 2016), não é por acaso, que este espírito é representado por uma mulher, pois na aldeia, as mulheres educam seus filhos para o convívio em harmonia com a natureza. O mito da caçadora Otim, identifica-se com diversos conceitos dos índios brasileiros sobre a mata ser região tipicamente povoada por espíritos de mortos, num sincretismo com os ritos africanos, assim, alguns filhos de Otim a identificam não com uma negra, como manda a tradição, mas com uma Índia.

A descrição psicológica das deusas é fundamental para reconhecê-las, devendo-se fazer um paralelo de suas características como o cotidiano, pois cada uma delas representa um aspecto do feminino (JUNG, 2000), em relação aos arquétipos da caça no semiárido, este paralelo pode ser estabelecido, com a finalidade de compreender melhor a “mulher macho”, expressão da força das mulheres do sertão.

5 CAÇA E CAÇADORES: RELAÇÕES DE GÊNERO NO SEMIÁRIDO NORDESTINO

No nordeste brasileiro, estudos desenvolvidos evidenciam que à prática da caça é uma atividade prioritariamente masculina, salvo nas ocasiões em que a divisão do trabalho altera essa lógica, a exemplo das famílias nas quais as mulheres são chefes. No sul da Bahia, estudo desenvolvido por Pereira e Schiavetti (2010), constatou que a caça praticada pelos índios Tupinambás de Olivença é realizada tanto por homens quanto por mulheres no entanto, as mulheres

praticam esta atividade quando acompanham os maridos ou quando na família só se tem filhos do sexo feminino.

Estudos etnobiológicos descrevem as mulheres como sendo detentoras de maior conhecimento que os homens em relação ao uso de alguns recursos naturais, como, as plantas medicinais e alimentícias. Essas análises partem do princípio de que o gênero reflete diferenças na produção do conhecimento, no entanto esses mesmos estudos não testam essa relação (TORRES-ÁVILA *et al.*, 2014). Segundo os autores, essa diferença pode ser explicada pelo papel social que homens e mulheres exercem em diferentes culturas, sendo os homens geralmente encarregados de prover o sustento da família.

Mas essa constatação não estabelece uma regra, por exemplo, em comunidades rurais brasileiras, os homens são os coletores de lenha (RAMOS *et al.* 2008), no entanto, em algumas comunidades da África as mulheres são as coletoras de lenha (BIRAN *et al.* 2004).

Hanazaki e colaboradores (2000), demonstram que embora na literatura as mulheres sejam apontadas como maiores conhecedoras de plantas medicinais, em algumas comunidades caiçaras do Brasil, o conhecimento é distribuído homogeneamente entre os gêneros.

Esses dados são semelhantes ao compilado por Santos (2016), entre os índios Trukás residentes nos estados da Bahia e Pernambuco, que registrou o número de homens três vezes maior do que de mulheres envolvidos com atividades cinegéticas., corroborando com a hipótese de que essa diferença pode ser explicada pelo papel social de homens e mulheres, uma vez que na cultura Truká, os homens estão voltados às atividades que geram o sustento das famílias, e as mulheres às atividades domésticas (TORRES-ÁVILA *et al.*, 2014).

O caso Truká não estabelece uma regra, pois diversos estudos realizados no sertões da Bahia e Pernambuco, demonstram que não há diferença significativa no conhecimento dos recursos naturais disponíveis e da sua utilização entre mulheres e homens (SANTOS *et al.*, 2016; SANTOS; NÓBREGA, 2016; LIMA, 2017).

Considerações finais

Mitos e crenças povoam o imaginário coletivo dos povos e comunidades do sertão baiano, criando arquétipos masculinos e femininos e possivelmente determinando papéis sociais. temos nessa constatação, novas oportunidades de pesquisa e investigação nos povos e comunidades tradicionais no semiárido nordestino.

Não foi possível para nós, identificarmos estudos etnobiológicos que discutam as relações entre conhecimento e gênero, os estudos são pontuais e apontam que em determinadas comunidades do semiárido, as mulheres dominam alguns aspectos culturais e os homens outros, não implicando no conhecimento e na intervenção destas nos saberes e fazeres do cotidiano.

A partir dessa constatação, sugerimos que estudos futuros abram espaço para esta abordagem, identificando a participação das mulheres em atividades tidas como masculinas e vice-versa, buscando entender melhor como a cultura é construída nesses espaços.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Nordestino**: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino. Maceió: Edições Catavento, 2003.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2000.

ALVES, R. R. N., GONÇALVES, M. B. R., and VIEIRA, W. L. S. 2012. **Caça, uso e conservação de vertebrados no semiárido Brasileiro**. *Tropical Conservation Science* 5 (3):394-416.

BIRAN, A.; ABBOT, J.; MACE, R. Families and firewood: a comparative analyses of the costs and benefits of children in firewood collection and use in two rural communities in Sub-Saharan Africa. **Human ecology**, 32 (1): 1-23, 2004.

BIRMAN, J. Fantasiando sobre a Sublime Ação. In: BARTUCCI, G. (Org.). **Psicanálise, arte e estéticas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002.

BRUNEL, P. **Dicionário de mitos literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

CARVALHO, A. 1924. **Manual do Caçador**. São Paulo: Edição do autor.

CHAGAS W. F. Educação e etnicidade: o (a) negro (a) nas aulas de história. In: MACHADO, C. J. S.; SANTIAGO, I. M. F. L.; NUNES, M. L. S. (orgs.). **Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2010. Available from SciELO Books.

DIAS JÚNIOR, M. B. F., H. F. A. CUNHA and T. C. A. C. DIAS. 2014. **Caracterização das apreensões de fauna silvestre no estado do Amapá, Amazônia Oriental, Brasil**. Biota Amazônia 4(1):65-73.

FERREIRA, H. F. ALVES, R. R. N. **Legislação e mídia envolvendo a caça de animais silvestres no Brasil: uma perspectiva histórica e socioambiental**. Revista Gaia Scientia (2014) Volume 8 (1): 01-07 Versão On line ISSN 1981-1268 <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/gaia/index>

FIGUEIRA, C. J. M. **Diagnóstico de apreensões de aves, répteis e mamíferos no estado de São Paulo**. 2007. 264 f. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984. 232 p. v. 2.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. Rio de Janeiro: Record, 1995.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LOBATO, J. B. M. 1974. **Caçadas de Pedrinho**. Rio de Janeiro: Globo Livros.

MARQUETTI, F. R. As fronteiras da forma: metamorfoses e limites na mitologia grega, Ártemis e Afrodite: as senhoras dos limites. In: Fronteiras e etnicidade no mundo antigo. **Anais do V congresso da sociedade brasileira de estudos clássicos**. Pelotas, 2003.

NANAZAKI, N.; HERBST, D. F.; MARQUES, M. S.; VANDEBROEK, I. Evidence of the shifting baseline syndrome in ethnobotanical research. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, 9 (75): 1-11, 2013.

LIMA JÚNIOR, L. P. Sexualidade e educação: Itinerários de pesquisa. In: MACHADO, C. J. S.; SANTIAGO, I. M. F. L.; NUNES, M. L. S. (orgs.). **Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2010. Available from SciELO Books.

MOORE, C. **Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**: São Paulo: Mazza Edições, 2007.

PACHALY, J.R., CESCHINI, T.L., CARVALHO, L.R., MARGARIDO, T.C. 2005. **A contribuição de Francisco de Barros Jr. ao conhecimento da fauna de vertebrados da Região Sul do Brasil**. Arq. Ciênc. Vet. Zool. UNIPAR 8(2): 125-130.

RAMOS, M. A.; MEDEIROS, P. M.; ALMEIDA, A. L. S.; FELICIANO, A. L. P.; ALBUQUERQUE, U. P. Use and knowledge of fuelwood in na área of caatinga vegetation in NE Brazil. **Biomass and Bioenergy**, 32 (6): 510-517, 2008.

ROSA, A. S. Mito, ciências e representações sociais. In: **Anais...** 14th International Lab Meeting, Itália, 2009.

SANTOS, C. A. B. **Padrões de caça, pesca e uso de animais silvestres pela etnia Truká, no semiárido brasileiro**. Tese (Doutorado em Etnobiologia e Conservação da Natureza), Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Ciências Biológicas, Recife, 2016, 139f.

SANTOS, C. A. B.; ALBUQUERQUE, U. P.; SOUTO, W. M. S.; ALVES, R. R. N. **Assessing the effects of indigenous migration on zootherapeutic practices in the semiarid region of Brazil**. **PLoS ONE** 11(1): e0146657. doi:10.1371/journal.pone.0146657. 2016.

SANTOS, C. A. B.; ALVES, R. R. da Nóbrega. Ethnoichthyology of the indigenous Truká people, Northeast Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, Londres: Springer, 12 (1): 1-10, 2016.

SANTOS, E. 1950. **Caças e caçadas**. Rio de Janeiro: F. Briguiet.

SICK, H. 1997. **Ornitologia Brasileira**. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 912 p.

TORRES-ÁVILA, W., NASCIMENTO, A. L. B., CAMPOS, L. Z. O., SILVA, F. S., and ALBUQUERQUE, U. P. Gênero e idade. In Albuquerque, U. P. **Introdução a Etnobiologia**. Recife, NUPEEA, 2014.

VASCONCELOS V. N. P. “Mulher séria” e “cabra-macho”. Por outras representações de gênero no Sertão baiano. **Anais... XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH**. Fortaleza, 2009.

VERNANT, J. P. **Mito e religião na Grécia antiga**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.